



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License

Do manuscrito ao livro, do livro ao leitor: os caminhos da modernidade

Marcos Roberto do Nascimento*

BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI)**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo – Edusp, 2018. 408p.

A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental (séculos XIII-XVI), como diz o próprio autor, é um ensaio sobre as condições sociais, culturais, intelectuais, econômicas e tecnológicas que levaram à primeira revolução das mídias em meados do século XV. Escrita por Frédéric Barbier, historiador e pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), na França, a obra descreve o cenário de emergência da modernidade, considerando o papel desempenhado pelo desenvolvimento da imprensa e da tecnologia. A história do livro, da escrita e da leitura é pano de fundo nesse percurso. Originalmente publicado em 2006, na França, sua primeira edição brasileira foi feita pela Edusp em 2018, ano em que a morte de Johannes Gutenberg completou 550 anos.

O livro é dividido em três partes, com nove capítulos, além da Introdução e Conclusão. Há um encadeamento consistente entre os capítulos e uma coerência histórica e teórica que envolve as partes, afinal, *A Europa de Gutenberg* é um panorama denso e conciso do mundo moderno que se constitui e se consolida do século XIII ao XVI na Europa ocidental. Portanto, esse panorama ocorre antes, durante e depois de Gutenberg. Barbier descreve,

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), Belo Horizonte-MG, Brasil (mrn.kito@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6277-9449>).

nesses capítulos, as condições e os fundamentos para a revolução iniciada por Gutenberg e as suas consequências. Além disso, o livro apresenta, na composição do seu conteúdo, Lista de Mapas e Figuras, Abreviações, uma necessária Advertência e o Índice Onomástico.

Num primeiro momento, o título da obra faz parecer que se trata da invenção de Gutenberg: a tipografia em caracteres móveis e a revolução gerada na imprensa, na produção do livro e sua circulação. Um texto centrado na biografia de Gutenberg em torno de sua invenção também poderia ser esperado, mas o subtítulo dá pistas de que tanto o livro quanto a invenção de Gutenberg desempenharam um papel mais paradigmático na história do mundo ocidental europeu.

A invenção da tipografia dos tipos móveis, resultado de pesquisas realizadas por Gutenberg, do desenvolvimento tecnológico da época e do investimento dos capitalistas, aponta para um processo mais intenso das transformações que vinham ocorrendo na Europa. O argumento central de Barbier propõe que o desenvolvimento da imprensa é, ao mesmo tempo, produto e catalisador dessas transformações. Gutenberg está no epicentro de mudanças culturais, tais como as ocorridas na Igreja, na escrita; a criação de universidades e bibliotecas; mudanças sociais como a urbanização, crescimento populacional nas cidades e formação de novos ofícios. Transformações políticas importantes, como a emergência do Estado moderno, e econômicas, como a consolidação do capitalismo e suas práticas, serão essenciais para o desenvolvimento de um mercado dinâmico da imprensa e do livro. Esta aposta também evidencia o aspecto sociológico do processo de modernização da sociedade europeia, em que a urbanização e as mudanças econômicas são determinantes nas transformações sociais e tecnológicas.

A Europa de Gutenberg é rico em detalhes que evidenciam a dinâmica que favoreceu as revoluções das mídias. O livro aponta as mudanças na escrita e na leitura, partindo dos mosteiros e dos manuscritos até a relação de Gutenberg com a pesquisa e o desenvolvimento da tecnologia. Descreve a relação que ele tem com a família, com seus investidores e sócios até chegar à *Bíblia de 42 linhas*; da oficina tipográfica de Johannes Fust e Peter Shcoeffler no Vale do Reno à nova geografia da imprensa na Europa ocidental; dos manuscritos encomendados pela aristocracia e burgueses ao mercado editorial de impressores-livreiros e livreiros especializados. Barbier lança um olhar detalhado sobre esse processo de modernização e complexificação do mundo editorial que se constituía de maneira rápida e dinâmica a partir de 1450. Nesse aspecto, o autor parece assumir a perspectiva teórica weberiana, na qual a racionalidade técnica resulta da racionalização técnica e econômica do mundo moderno enquanto processo histórico e social. De certa forma, a invenção de Gutenberg e seus desdobramentos anteciparam práticas e estratégias que foram amplamente desenvolvidas e consolidadas no século XVIII. A mecanização do processo produtivo, o uso de novas matérias-primas, a associação entre conhecimento e processo produtivo, a racionalização do custo de produção, a racionalidade organizacional, a concorrência e as estratégias de mercado são algumas das inovações que a invenção de Gutenberg antecipa. Como diz Barbier (2018, p. 30), “A invenção de Gutenberg acontece

em um mundo em plena modernização, mas fornece a esse próprio processo os meios de um desenvolvimento radicalmente novo”. *A Europa de Gutemberg* é um mundo em processo de modernização, tendo a urbanização e as mudanças econômicas, culturais, sociais e tecnológicas como corolário e base para o capitalismo e a modernidade.

A trajetória que converte o texto em livro e conduz o livro ao leitor supõe o desenvolvimento de processos de inovação, não apenas no aperfeiçoamento e na produção tecnológica do livro, mas também na organização da produção nas oficinas de impressão, da distribuição e da venda do livro. As práticas e estratégias para promover a edição e a circulação do livro contavam com escolhas de temas (religiosos e clássicos), autores e público, além das oficinas tipográficas itinerantes e as feiras de livro. No século XV ocorriam com frequência as feiras de livros de Frankfurt e Leipzig. Fazendo referência ao trabalho de Lefreve e Jean-Martin – *O aparecimento do livro* –, Deaecto (2019, p. 185) destaca que o circuito do livro “na época moderna [...] obedecia, na verdade, à dinâmica das grandes feiras que estimularam a economia daqueles tempos”. A autora conclui dizendo que os primeiros catálogos de livros impressos “circularam nas tradicionais e movimentadas feiras de Veneza, Lyon e Frankfurt nos séculos XVI e XVII” (DEAECTO, 2019, p. 185).

No caso do mercado editorial brasileiro, embora tenha se desenvolvido tardiamente, muitas das condições que favoreceram a emergência, a inovação e a consolidação do mercado editorial europeu ainda não são vistas no Brasil. Cabe destacar que as bienais, as festas, as feiras de livros e, não menos importantes, as feiras de livros e literatura independentes têm papel importante no intercâmbio de ideias, tecnologias, experiências, materiais e, principalmente, na promoção da circulação de seus produtos.

A geografia do livro na Europa já é conhecida. Em *O aparecimento do livro* (FEBVRE; MARTIN, 2000), esse mapeamento é bem descrito. Também não é novidade que a transição do manuscrito para o códice e, depois, o livro não ser visto como uma ruptura, mas como uma continuidade desse processo (CHARTIER, 1998), marcam esse cenário de mudanças. No entanto, as mudanças trazidas pelo impacto da revolução da imprensa são profundas. E são as condições que levaram a essas mudanças que Barbier destaca. O caminho do livro é o caminho do crescimento demográfico das cidades e do seu desenvolvimento intelectual e cultural. É nesse ambiente que se multiplicam os livros, e sua utilização se torna racionalizada. Nesse aspecto, o livro impresso irá se impor, durante muito tempo, como a principal ferramenta da racionalidade moderna que levaria ao conhecimento e seria o seu depositário.

Não é exagero dizer que a modernidade e a sua racionalidade surgem com o livro impresso. O livro, enquanto um sistema, no sentido de oferecer ao leitor um modelo de pensar, de raciocinar, de compreender e de agir no mundo, mais do que um simples objeto, assume um lugar simbolicamente importante no mundo moderno. Portanto, a modernidade que o livro funda traz consigo poder e racionalidade, próprios da Europa moderna e capitalista. A escrita como instrumento de transmissão e condição do saber mais a prática da leitura extensiva e silenciosa estão na raiz dessas mudanças. Não é sem

sentido, contudo, que a materialidade do livro e o seu poder simbólico se confundem nesse objeto que ainda desperta sentimentos e expectativas. O livro, apesar de sua ambiguidade (magia e racionalidade), não perdeu totalmente seus atributos simbólicos, mas assumiu seu caráter mercantil.

Barbier apresenta um panorama e vai definindo, em detalhes, os seus contornos e aspectos internos. As revoluções das mídias fazem parte de um mesmo processo iniciado há quase 600 anos que consolida o capitalismo e instaura a divisão do trabalho moderno, a concorrência e a lógica do mercado. Nesse ambiente de mudanças surge o mercado editorial. Princípios, procedimentos organizacionais, práticas e estratégias foram gestados nesse contexto e, ainda, em grande medida, marcam o mercado editorial contemporâneo.

A questão da autoria também aparece como um aspecto histórico importante para compreender a dinâmica das mídias contemporâneas. Com a imprensa, dirá Barbier, a autoria emerge e se impõe a partir do século XVI. Essa mudança altera as relações do leitor com o texto, por um lado, e do autor com os impressores-editores, por outro. No primeiro caso, pode-se dizer que a natureza dessa relação é simbólica e, no segundo, econômica. A autoria, naquele momento, construiu em torno da mídia e do livro uma rede de relações de sociabilidade e reconhecimento que fomentou carreiras. Segundo Bellei (2014, p. 162), as forças culturais da modernidade criaram a autoria para atender a demandas de uma ideologia que “oculta as condições de produção e naturaliza significados de uma força produtiva que motiva práticas sociais, econômicas e políticas”. A figura institucionalizada do autor cumpre um papel importante na formação do mercado editorial capitalista, na medida em que criou e representou interesses comerciais básicos, ainda operantes no cenário editorial contemporâneo. A criação e o reconhecimento da autoria impõem uma hierarquia e um controle sobre o discurso na relação autor-leitor, estabelecendo uma ética de leitura (BELLEI, 2014). Barbier (2014, p. 314), contudo, enfatiza a natureza econômica da função do autor no desenvolvimento da *economia da mídia*, que constitui “o primeiro e principal fator que impulsiona e reorganiza o campo literário na época moderna”.

A *Europa de Gutenberg* é uma leitura necessária para quem pensa a dinâmica histórica da modernidade tendo como pano de fundo a tecnologia, o livro, o mercado editorial e as mídias em geral. A riqueza do livro está em seus detalhes precisos que compõem o contexto de emergência da modernidade a partir da imprensa e do mercado do livro. Tabelas, mapas e imagens das primeiras publicações da imprensa de Gutenberg ilustram o texto. Apesar disso, alguns detalhes se repetem com certa frequência ao longo de suas 408 páginas, e a ausência de algumas imagens pode frustrar os leitores diante de suas descrições. Na “Advertência”, presente no início do livro, Barbier menciona o *site* do *Centre National de la Recherche Scientifique*, no qual há uma iconografia complementa preparada especialmente para este livro. Do ponto de vista do leitor, a consulta ao *site* compromete a dinâmica e fluidez da leitura. Contudo, esses problemas não lançam nuvens à riqueza histórica e analítica trazida pelo autor. Para finalizar esta resenha, transcreve-se a última frase do livro, em que Barbier (2014, p. 388) sintetiza a proposta de seu percurso analítico: “A fórmula ‘Europa

de Gutenberg' nos terá permitido designar ao mesmo tempo a articulação de origem (a Europa e a imprensa) e o destino possível desta para outra mídia, outras solidariedades e, sem dúvida, outra Europa". E por que não dizer outro mundo?

Referências

BARBIER, Frédéric. **A Europa de Gutenberg: o livro e a invenção da modernidade ocidental** (séculos XIII-XVI). Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo – Edusp, 2018. 408 p.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A morte do autor: um retorno à cena do crime. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, n. 12, p. 161-171, jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/69866>. Acesso em: 22 mar. 2020.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Unesp, 1998.

DEAECTO, Marisa Midori. **O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2019.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Sobre o autor

Marcos Roberto do Nascimento é doutorando em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet-MG) e mestre em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar/UFMG). Professor de Sociologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas).

Endereço para correspondência

Rua Cumbi, 16/204, Padre Eustáquio
30730-160 – Belo Horizonte-MG, Brasil

Recebido para publicação em 01/04/2020

Aceito para publicação em 11/05/2020